



**ENTRE A PSICOLOGIA E A FILOSOFIA: um relato de
experiência acerca de um estágio em entrevista e plantão
psicológico sob a óptica da fenomenologia hermenêutica
heideggeriana**

**BETWEEN PSYCHOLOGY AND PHILOSOPHY: an experience report
about an internship in interview and psychological duty from the
perspective of Heideggerian hermeneutic phenomenology**

*Hendril Allyson Borges¹
Luis Guilherme Carvalho Silva²*

Resumo: a presente elaboração refere-se a um relato de experiência oriundo de um estágio básico em entrevista e plantão psicológico, realizado no âmbito da Clínica-Escola de Psicologia da Faculdade UNA – Pouso Alegre (MG). Em relação aos objetivos, procurou-se transcorrer em uma descrição, paralelamente, com uma análise e reflexão crítica, fundamentada na literatura, acerca de duas sessões de plantão resultantes de um caso atendido por dois plantonistas-estagiários, entre agosto e dezembro de 2022. A propósito da metodologia manuseada, respaldou-se na fenomenologia hermenêutica que, firmada nas proposições do filósofo da Floresta Negra, Martin Heidegger, concebe a perspectiva do pesquisador para a apreensão do objeto. Nos resultados, observaram-se verbalizações mais flexíveis procedentes da analisada, além de um movimento em orientação a uma postura consciente perante ao sofrimento que perpassa sua existência, demonstrando a potência e a disposição transformadora do plantão psicológico, como uma clínica da contemporaneidade. Nas considerações finais, decorreu-se uma ponderação sobre as repercussões do plantão na construção do ser-psicólogo, analisando também outras variáveis constituintes que circundam o âmbito do fazer-psicologia.

Palavras-chave: Plantão psicológico. Relato de experiência. Fenomenologia hermenêutica heideggeriana.

Abstract: this elaboration refers to an experience report arising from a basic internship in the interview and psychological on-call, carried out within the scope of the Psychology School Clinic at Faculdade UNA – Pouso Alegre (MG). About the objectives, we sought to provide a description, in parallel, with an analysis and critical reflection, based on the literature, about two on-call sessions resulting from a case attended by two on-call interns, between August and December 2022. Regarding the methodology used, it was supported by hermeneutic

¹ Especializando em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pelo Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial. E-mail: hendrilallyson687@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1761-725X>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4856270434034998>.

² Graduando em Psicologia pela Faculdade UNA – Pouso Alegre (MG). E-mail: luisguisilva42@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0009-0002-7534-7853>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1329149764949039>.

phenomenology which, based on the propositions of the Black Forest philosopher, Martin Heidegger, conceives the researcher's perspective for apprehending the object. In the results, more flexible verbalizations were observed from those analyzed, in addition to a movement towards a conscious stance towards the suffering that pervades their existence, demonstrating the power and transformative disposition of psychological duty, as a contemporary clinic. In the final considerations, there was a consideration of the repercussions of the shift on the construction of being a psychologist, also analyzing other constituent variables surrounding the scope of psychology.

Keywords: Psychological duty. Experience report. Heideggerian hermeneutic phenomenology.

1 INTRODUÇÃO

O plantão psicológico, em consonância com a acepção de Morato (1999) e Schmidt (1999), caracteriza-se como um espaço de abertura que, acolhendo e escutando o ser-aí no momento em que se desloca ao encontro de auxílio, busca viabilizar a (res)significação do seu sofrimento, manuseando os seus próprios recursos e, na medida do possível, os aparatos disponibilizados pela instituição; ou orientando-se à procura exteriormente a última.

Nessa corrente, Tassinari (1999, p. 44), delinea o plantão psicológico como:

[...] um tipo de atendimento psicológico, que se completa em si mesmo, realizado em uma ou mais consultas [...] objetivando receber qualquer pessoa no momento exato de sua necessidade para ajudá-la a compreender melhor sua emergência e, se necessário, encaminhá-la a outros serviços. Tanto o tempo da consulta, quanto os retornos dependem de decisões conjuntas (plantonista/cliente) no decorrer do atendimento. É exercido por psicólogos que ficam à disposição das pessoas que procuram espontaneamente o Serviço em local, dias e horários pré-estabelecidos, podendo ser criado em diversos locais e instituições. Em cada ambiente, precisará, criar estratégias específicas, desde sua divulgação (processo de sensibilização à comunidade) até sua relação com a própria instituição/local.

O plantão psicológico desabrocha-se como uma modalidade de atendimento apresentada pelo Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), na USP, entre os anos de 1960, sob coordenação da professora Rachel Rosenberg (BARTZ, 1997; CHAVES; HENRIQUES, 2008; EISENLOHR, 1997; REBOUÇAS; DUTRA, 2010; ROSENTHAL, 1999), respaldada em experiências norte-americanas nas *walk-in-clinics* (BARTZ, 1997; DYCK; AZIM, 1983; MOZENA, 2009; ROSENBERG, 1987; ROSENTHAL, 1999), com a finalidade preliminar de proporcionar um serviço díspar aos analisantes que se desdobravam ao encontro do mesmo, configurando-se como uma alternativa às longas filas de espera



(REBOUÇAS; DUTRA, 2010). No transcorrer do tempo, o plantão ramifica-se por meio da instauração de novos modos de empreender, além de diferentes correntes teóricas e metodológicas, como a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, a qual, no epílogo da década de noventa, com a construção do Laboratório para Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica Existencial (LEFE), coordenado por Henriette Tognetti Penha Morato, estrutura uma nova concepção acerca do plantão psicológico (DUTRA, 2017).

No que concerne à sua primeira sistematização pública, sucedeu-se em 1987, pelo professor Dr. Miguel Mahfoud, sendo o primeiro a desdobrar-se sobre o plantão como uma modalidade clínica, inserida em múltiplos contextos (REBOUÇAS; DUTRA, 2010). Salienta-se que, de acordo com as considerações desenvolvidas por Mahfoud (1987, p. 75), “a expressão plantão está associada a uma modalidade de serviço, desempenhado por profissionais que se mantêm à disposição de quaisquer pessoas que deles necessitem, em períodos de tempo previamente determinados e ininterruptos”. A respectiva conceptualização remete à genealogia do vocábulo plantão, que vem do francês *planton*, que consiste em um soldado, a serviço, que se mantém fixo ou em pé em um determinado espaço, sempre em alerta. Além disso, designa também os serviços noturnos em hospitais, fábricas, jornais, entre outros. Outro sentido sobrevém do termo plantar, proveniente do latim *plantare*, que se refere à inserção de um vegetal no solo para conceber raízes, ou melhor, conservar-se parado, estacionado. Contextualizando-se à concepção de plantão, é possível depreender como um sustentar-se disponível para um ser-aí, um *Dasein*, que sendo-possibilidade, impescinde de cuidado (TASSINARI, 1999). Nesta óptica, a atribuição do plantonista consiste em auxiliar o analisado a alcançar uma perspectiva mais profusa de seu modo de ser-no-mundo, disponibilizando-se para compreender e recepcionar as experiências do último, no momento de sua enunciação, isto é, ante a problemática que impulsionou a procura por amparo (MAHFOUD, 1987).

Por sua vez, conforme Schmidt (1999), o acolhimento proporcionado pelo plantão requer a priorização da entrevista psicológica, conceptualizada como um espaço propício à (re)elaboração do sofrimento psíquico vivenciado pelo analisado, bem como a possibilidades ou vislumbres de auxílio que o último concebe, distinguindo-se da triagem. Destarte, a entrevista de plantão propende facilitar a clarificação, pelo analisado, da natureza relativa ao seu sofrimento e à sua queixa por assistência. Schmidt (2012, p. 17) refere às entrevistas de plantão como “espaço e tempo de mediação e trânsito de identidades e diferenças, inclusões e exclusões, passado e presente, interior e exterior, na medida em que procuram transpor a



proteção do psicodiagnóstico e da triagem, expondo à plasticidade dos encontros”. A índole e a complexidade de elaboração alcançadas, na primeira entrevista, são critérios norteadores dos desdobramentos possíveis deste encontro inicial (SCHMIDT, 1999).

Pois bem, em vista à bagagem de conhecimento acumulada no escoar do curso de Psicologia, como salienta Rocha (2011), a proposta de plantão como esclarecimento da demanda do analisado para, a partir daí, ponderar possíveis caminhos de cuidado, apresenta-se ambíguo para os estudantes, sendo complicado de compreender em um primeiro momento. A inclinação é voltarem-se àquilo que conhecem, apreender o plantão como triagem, isto é, um espaço de escuta com o desígnio de analisar as informações assimiladas e, assim, encaminhar o analisado.

Nesta corrente, releva considerar as evidentes dessemelhanças entre o plantão e a triagem. Na triagem tradicional, é imprescindível que o analista possua informações que o permita desenrolar-se em uma avaliação satisfatória no que diz respeito à situação do analisado, identificando patologias e recomendando o encaminhamento mais adequado ou modo de cuidado possível. Há uma distância significativa entre esses interlocutores. O profissional almeja determinados dados precedentemente selecionados. Ao analisado, concerne fornecer o que lhe é requisitado, assim como se submeter às recomendações profissionais que levarão ao fechamento da triagem (ROCHA, 2011).

Na triagem interventiva, por sua vez, desloca-se desse posicionamento, atribuindo movimento e importância à relação estabelecida entre analista e analisado, bem como imprime significação aos encontros, procurando sentido e descortinando caminhos de compreensão das experiências levantadas nas sessões (ROCHA, 2011). Nesta conjunção, a triagem aproxima-se do plantão, tal como aponta Yehia (2004, p. 68), “[...] no que diz respeito à atitude diante do cliente e à concepção de saúde e doença. Ambas as práticas se propõem a estimular os aspectos saudáveis presentes na experiência do sujeito, e não classificar e rotular”.

É proveitoso observar as pontuações de Chammas (2009), rememorando que em sua gênese, distintivamente da triagem, o plantão não possui a finalidade de receber e fragmentar a clientela, mas caracterizar-se em si, um espaço de acolhimento. Rocha (2011) acrescenta que, o plantão psicológico, não se pretende uma técnica, como é reconhecida a triagem, mas uma disposição, uma abertura para o outro do modo que se apresentar, sem exigências pré-estabelecidas em relação às informações que o analisado precisa oferecer e sem compromisso com o encaminhamento, que pode, sim, ser uma possibilidade, mas não o é, necessariamente.

Outro ponto relevante refere-se aos objetivos desses trabalhos. A triagem tenciona identificar a demanda para realizar o encaminhamento, desvinculando-se parcialmente da história dos indivíduos e, paradoxalmente, priorizando as carências da clínica-escola (ROCHA, 2011). No que concerne ao plantão, por seu turno, Almeida (2009, p. 30) discorre:

Nesse tipo de atendimento, não se trata de fazer-se uma triagem com intuito de encaminhamento dos pacientes pra um trabalho de psicodiagnóstico e posterior psicoterapia. O Plantão é já um atendimento psicológico no qual [...] se debruça sobre a narração da história do paciente com propósito de, perpassando queixas, deixar aflorar uma demanda da existência. As queixas estão no âmbito do manifesto, constituindo-se no que aparece e emerge na fala; já a demanda é latente, situando-se no âmbito do velado, urgindo desvelamento por uma compreensão testemunhada.

Nesta óptica, Rebouças e Dutra (2010) colocam que o plantão é uma potente modalidade de escuta clínica, a qual possibilita a abertura para o encontro com o inesperado, de modo a acolher e descortinar possibilidades de compreensão e esclarecimento da demanda explicitada, contribuindo à (res)significação do sofrimento. Rememora-se que, no plantão, propende-se possibilitar uma maior compreensão do sofrimento, distanciando-se de uma resolução ou aprofundamento das problemáticas desocultadas (LIMA; RIBEIRO, 2018; REBOUÇAS; DUTRA, 2010; ROCHA, 2009, 2011), como também de uma eliminação de sintomas (BEZERRA; MOURA; DUTRA, 2021).

Assim sendo, o plantão consiste em uma prática clínica que direciona seu olhar para o ser-aí, em detrimento do problema. Possibilita a consciência de si e, também, da realidade experimentada. As tonalidades afetivas que se afloram no desdobrar da sessão de plantão, representa a maneira como quem procura o serviço experiencia a existência e imprime significações, isto posto, consiste em um processo pertencente ao analisado, coordenado por ele, concernindo ao plantonista acompanhá-lo pelas alamedas da elaboração, da compreensão do sofrimento, sem, contudo, abonar alívio ou prazer imediato e presente (CHAVES; HENRIQUES, 2008). Além disso, compreende-se que o atendimento resultou em um efeito terapêutico na medida que o analisado se revela confortável para se expressar, em abertura para poder discursar sobre si mesmo de modo próprio (PALMIERI; CURY, 2007).

Salienta-se também que, o plantão originou-se com a finalidade de solucionar a considerável demanda de analisados à espera de atendimento psicológico em entidades públicas e privadas, dado que, amiudadamente, os últimos podem beneficiar-se de um único encontro com um psicólogo, não necessitando de psicoterapia (PALMIERI; CURY, 2007). O plantão não tem a intenção de substituir a psicoterapia (ROSENBERG, 1987), discriminando-

se desta em virtude de sua disposição focal em emergências e urgências psíquicas. Distancia-se dos modelos psicoterápicos tradicionais ao pretender oferecer uma atenção psicológica com caráter de pronto atendimento, de modo a mobilizar e acelerar o tempo de reação e adesão ao auxílio psicoterápico (FURIGO *et al.*, 2008). Neste sentido, portar um atendimento psicológico disponível, no momento em que floresce a queixa emocional urgente, reduz a ansiedade e a angústia, possibilitando a emersão de recursos ao ser-aí, a fim de que se defronte com soluções ao impasse experienciado (SOUZA; SOUZA, 2011). Rabelo e Santos (2006) acrescentam que, muitas vezes, o modelo tradicional simplesmente não “serve” para determinados seres-aí, visto que se orientam na busca do serviço psicoterápico apenas durante a crise e, em seguida, mostram-se capazes de retomar sua existência a partir do amparo recebido. Uma significativa parcela de seres-aí não procura uma análise profunda de sua relação com o mundo e, muito menos, usufruem de recursos financeiros para conservar um tratamento desses. Assim, o plantão, desvela-se apropriado para lidar com as reais necessidades da sociedade brasileira (CURY, 1999; FURIGO *et al.*, 2006).

Em vista dessas considerações, o presente relato de experiência, oriundo de um estágio básico em entrevista e plantão psicológico, procurou a realização de uma descrição, paralelamente, com uma análise e reflexão crítica, fundamentada na literatura, acerca de duas sessões de plantão psicológico procedente de um caso atendido por dois plantonistas-estagiários (PE’s), no 2º semestre de 2022, sob o âmbito da Clínica-Escola de Psicologia da Faculdade Una – Pouso Alegre (MG). Com o intento de alcançar o objetivo proposto, utilizou-se a metodologia fenomenológica hermenêutica heideggeriana, a qual, a análise dos dados percorre o movimento de realização do real, constantemente representado de modo multifacetado (BRAGA *et al.*, 2019). Nesta óptica, Critelli (2016) aduz o desvelamento, a revelação, o testemunho, a veracização e a autenticação como caminhos de mostraçã e aproximação do real, em devir e arquitetado mediante sentidos e significações associadas às experiências dos PE’s.

No que concerne à justificativa, por fim, defende-se que o plantão apresenta uma importância intrínseca, tanto para a construção da formação enquanto psicólogo, bem como para o atendimento à população, conforme aludem Paparelli e Nogueira-Martins (2007). Essa prática possibilita a imersão dos PE’s nos atravessamentos institucionais e nos impasses contextuais dos analisados, amparando aqueles a perceberem seus entrelaçamentos e ampliando a clínica para além do prisma intrapsíquico e, ademais, oportunizando a integração de dimensões que, frequentemente, desvendam desassociadas na formação (BRAGA *et al.*,

2019). Por seu turno, como mencionado por Mahfoud (1987), o plantão também se desabrocha como um serviço que procura ofertar atendimento psicológico a uma porção significativa da sociedade que, amiudadamente, durante a urgência não é atendida por consequência da insuficiência de recursos públicos para a saúde que, paradoxalmente, prioriza os casos com maior gravidade, ocasionando uma especialização das demandas. Posto isto, o plantão sobrevém como um serviço psicológico inteligível a uma sociedade que, talvez, jamais tivesse acesso, portando-se como um território que predomina a recepção e a informação e, ademais, assistindo os seres-aí a assenhorar tanto de uma autonomia emocional, quanto de uma elucidação relativo ao seu contexto social e seus direitos de cidadão contidos na constituição, tal como declaram Rebouças e Dutra (2010).

2 MÉTODO

A presente composição refere-se a um relato de experiência que, proveniente de um estágio básico em entrevista e plantão psicológico, procura focar em um caso específico, realizado em dois atendimentos, semanalmente, entre agosto e dezembro de 2022. Os encontros sucederam no período vespertino, especificamente às 16h, compreendendo um espaço de 1h de duração, aproximadamente. Convém colocar também que, os atendimentos, foram realizados em dupla, ou seja, com dois PE's conduzindo as sessões de plantão psicológico.

A propósito do método aplicado, respaldou-se na fenomenologia hermenêutica heideggeriana, na qual as idiosincrasias do pesquisador são relacionadas ao objeto de pesquisa, sem distanciamento sujeito-objeto, ou ruptura epistemológica; de modo contrastante, é a inclusão de sua perspectiva que possibilita a apreensão do objeto (RAY, 1994). Na óptica heideggeriana, as realidades são concebidas a partir de experiências pessoais, posicionando o ser-aí em uma disposição de indissociabilidade com seu mundo, tal como instituidor e receptor de sentido, disposto a partir de uma tecitura significativa como condição existencial (CRITELLI, 2016). Esta orientação posicionou os PE's não como simples observadores dos fenômenos, mas como agentes de interpretação de todas as vicissitudes permeadas naquele contexto de acolhimento, com a compreensão de que interpretar é um processo específico, não apenas emitir opiniões (HEIDEGGER, 2005a).

Sendo a narrativa o itinerário de elaboração do sentido das experiências e das significações possíveis do real (BRAGA, 2014; MORATO, 1999), manipulou-se também o diário de bordo que, caracterizado como narrativas em forma de escrita, desenhada por um protagonista, a próprio punho, inclinado a compartilhar experiências, “como o tecer de várias histórias interligadas, histórias essas também tecidas por entre outras narrativas” (AUN, 2005, p. 18), possibilitou rumar-se pela tecedura da práxis psicológica. Depreende-se que, em virtude de referir-se como momentos de elaboração de sentido, denotando a experiência plural e singular daquele que tece uma narrativa (BISELLI, 2013), o diário de bordo não se norteia pelos aspectos técnicos ou pela cronologia do acontecido, mas pelo delineamento da trama significativa que os PE’s mergulharam, revelando, nas nuances de memória, esboços e pormenores da peripécia, bem como nos juízos que os impregnam (BRAGA, 2014).

2.1 Identificação da analisada

Sapienza (2007) anuncia que, o ser-aí que se direciona ao encontro dos serviços da Psicologia é aquele que se consome pelas escolhas que a existência o impele a realizar; atormenta-se por suas perdas; é colocado a responsabilizar-se pelos seus amores e desamores; se angustia perante à finitude, deparando-se com a impossibilidade de não se preocupar com sua existência. Em síntese, define-se como um ser humano ou, nas palavras de Heidegger (2005a), um ser-no-mundo, um não-ser que pode-ser, um caminhante de um caminho não linear, que se constitui e reconstitui a cada suspiro.

Esse mesmo ser-aí resguarda consigo a singularização dos seus ancestrais, da comunidade a qual concerne e estrutura-se, assim como as questões do destino humano, as quais se mostram como universais (SAFRA, 2004). Assim, o encontro no plantão psicológico não se sobrevém apenas entre três seres-aí, mas entre múltiplas – plantonistas, o ser-aí que recorreu ao serviço, aos pais deste, etc. As questões levantadas são, portanto, peculiares e próprias do ser-aí, bem como a uma comunidade, aos seres mortais de maneira geral (DOESCHER; HENRIQUES, 2012).

À vista das considerações levantadas, sublinha-se que, a analisada recepcionada, pertence ao gênero feminino, aludindo pesquisas que o apontam como o principal representante na procura pela atenção psicológica (NEVES; DALGALARRONDO, 2007).

Neste sentido, aduz-se que, a primeira, denominada como Shasta Daisy³, integra-se à etnia branca, residindo no Sul de Minas Gerais. No que tange a outras informações relevantes, possui 31 anos de idade, compondo a classe baixa da sociedade e, ademais, ocupando-se profissionalmente como técnica de laboratório em uma farmácia. Outrossim, locomoveu-se ao plantão por recomendação de uma colega de serviço, apresentando como queixa: solidão e problemas de relacionamento com o namorado.

2.2 Local

Transcorreram-se os encontros sob os domínios da Clínica-Escola de Psicologia da Faculdade UNA, localizada no atinente endereço: Rua João Basílio, n.º 420 – Centro, Pouso Alegre (MG); que se compromete a ofertar serviço psicológico, sucedido por alunos-estagiários do curso de Psicologia, à população em geral. Vislumbra-se que, hodiernamente, entre os serviços psicológicos disponíveis, encontram-se: “*Entrevista e Plantão Psicológico*”, “*Psicodiagnóstico*” e “*Psicoterapia*”.

2.3 Procedimentos

Preliminarmente, é imperioso fixar que, a procura pelo plantão psicológico sucede de modo espontâneo, sem necessidade de agendamento e sem custo para a população. Em relação à divulgação, acontece por intermédio de cartazes, panfletos, anúncios em rádio, comunicados internos no âmbito da instituição, entre outros, ocasionalmente. Verifica-se também que se processa uma significativa divulgação dos serviços, à população, em determinadas eventualidades, coorganizado com os alunos do curso de Psicologia concernente à instituição. Os seres-aí que percorrem em procura do serviço psicológico defrontam-se com uma recepção procedida pelos PE's, que atendem sob supervisão de psicólogos que também ocupam o quadro de professores da entidade mencionada.

Ao expectar na sala de espera, o analisado, recepcionado por dois PE's, direciona-se, com os últimos, a um espaço para a realização do plantão. Neste contexto, precedentemente, o

³ Nome fictício a fim de resguardar o sigilo da analisada.

analisado é informado, de forma breve, acerca dos procedimentos adotados durante o atendimento, assim como sua provável duração. Os procedimentos da clínica-escola são constituídos de uma entrevista e três retornos, possuindo uma demarcação estipulada de distanciamento/proximidade de uma semana entre os atendimentos, sendo possível proceder a uma flexibilização, ao efetivar-se um combinado entre os PE's e o analisado.

Acentua-se também que, as informações oferecidas pelo analisado são confidenciais e, aliás, serão mantidas em sigilo, conforme as resoluções éticas do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Nada obstante, como acordado com o analisado, esses dados suscitados no desenrolar das sessões, podem ser utilizados para estudos e, além do mais, serão levantados durante a discussão do caso na supervisão que, realizada semanalmente, participa todo o grupo de plantonistas.

Ao fim do processo de atendimento, o analisado deterá a possibilidade de ser encaminhado, a critério do professor supervisor, para um dos serviços ofertados pela instituição, desvincilhando-se de uma exclusividade em relação ao campo psicológico. Se o encaminhamento relacionar-se a algum atendimento que ainda não é disponibilizado pela instituição, compromete-se a oferecer uma carta de encaminhamento para um profissional adequado.

3 CASO SHASTA DAISY

No primeiro encontro com a analisada, preliminarmente, os PE's compreenderam explícitos sinais de sofrimento psicológico. Nesta corrente, os PE's encetaram com uma entrevista por meio da manipulação de diálogos exploratórios, com o desígnio de esmiuçar a existência que se posicionou defronte e, ademais, proporcionar (res)significações através da procura por sentido: na abertura em debruçar-se nas experiências, em consentir-se com um acompanhamento na trajetória do sofrimento, em manifestar sentimentos em vocábulos sobrecarregados de afetos, em analisar as significações do acontecido, possibilitando que o sentido se redirecione e, portanto, descortine novas possibilidades (BARBOSA; FRANCISCO; EFKEN, 2007; BRAGA *et al.*, 2013).

Ao principiar, a analisada anunciou o nome e a idade – Shasta Daisy, 31 anos. Em relação à ocupação profissional, desempenha a função de técnica de laboratório em uma farmácia. Ademais, expressou buscar o plantão psicológico com o propósito de livrar-se de



sua dependência emocional quanto ao namorado, dado que, mesmo tendo consciência das ininterruptas violências psicológicas provindas do último, encontrava-se impossibilitada de suceder-se uma separação, devido ao enorme medo de permanecer sozinha – medo da solidão. Como compreender a solidão em uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica?

Boss (1976) identifica o ser-aí como essencial e originalmente com os outros, ou por outra, destinado à comunidade no sentido de co-pertencimento, perante a um mesmo mundo comum. Um dos modos de ser-com é a solidão, visto que somente aquele que reconhece seus semelhantes pode estar sozinho, aquele que os compreendem próximos ou distantes, a saber, o ser-aí. A pedra, como assinala o autor, nunca se encontrará sozinha, jamais experienciará a tonalidade afetiva da solidão. Dessa forma, desvelando-se como constitutiva da existência humana, a solidão transparece com um caráter ontológico (MACEDOCOUTO; JUNIOR, 2017).

A solidão, por sua vez, será experimentada enquanto sofrimento, no momento que o ser-aí compreender o outro como um ente colocado à disposição a fim de satisfazer seus desejos, saciar sua “sede”, preencher o vazio que o atravessa. Este modo de ser-com-o-outro, no qual aqueles que o envolve é manifesto como um algo a serviço de sua satisfação, se desvela explicitamente restritor. Neste fechamento existencial, há uma negação da possibilidade de permanecer sozinho, ao acreditar na imprescindibilidade de encontrar um alguém, de modo a assimilar sem maiores questionamentos os conclames do impessoal que irão vender uma imagem do amor romântico como a concretização da satisfação pessoal. Neste enquadramento, a atribuição dos PE’s caracteriza-se pela abertura de um canal compreensivo – hermenêutico, reflexivo, meditativo – em que as experiências idiossincráticas daquele que se angustia possa florescer, correlacionado com o panorama histórico que as estabelece (SÁ; MATTAR; RODRIGUES, 2006).

No desdobrar-se do atendimento, manifestou uma problemática secundária: domicilia-se na residência de seu parceiro. Em vista disso, colocou que o último decorreria na decisão de ausentar-se de sua própria moradia, fixando-se na morada pertencente à mãe. E, indagando-o sobre o porquê do convite para residir em sua habitação, conjuntamente a ele, a analisada recebe a respectiva resposta: “Por pena. Contribuição econômica”. Nesta conjunção, observando a expectativa por uma resposta apaziguadora, os PE’s instauraram, de acordo com Heidegger (2005b), um espaço em que propiciasse, a última, escutar sua estranheza de ser-no-mundo, neste mundo, entabulando da consciência como o clamor da cura que conclama o *Dasein*, o ser-aí, em direção ao seu poder-ser, possibilitando escapes da impessoalidade

absoluta. Além do mais, compreende-se que, como aludido por Ribeiro (2013), o caminho em orientação ao equilíbrio, ao autopoder, à segurança, a ajustamentos criativos saudáveis, é remansoso e doloroso. Dessa maneira, o plantão apresentou-se como um significativo mecanismo acentuador à abertura do ser-aí que, subsistente no querer ter consciência, “é constituída, portanto, pela disposição da angústia, pela compreensão enquanto projetar-se para o ser e estar em débito mais próprio” (HEIDEGGER, 2005b, p. 86).

Outrossim, sublinhou que o companheiro sustenta uma segmentação inflexível das despesas da habitação, inclusive, abstando-se de alimentar-se no ambiente conjunto com o intuito de atravancar um pedido de contribuição referente à alimentação. Expressiu que aquele, em diversas ocasiões, sem consideração, procedeu-se com alimentação exclusivamente para si, desenrolando-se em conflitos ao vislumbrar a ausência de seu sustento. Porém, como apresentado pela analisada, não se abstém de consumir as subsistências adquiridas por ela. Neste prisma, observando o aflorar da tonalidade afetiva da angústia, os PE's realizaram um convite, por intermédio da escuta atenta que suporta a angústia do pronunciar, ao reposicionamento em sua existência, ao deslocamento da posição de passividade perante ao que está simplesmente dado e ao seu próprio existir. Escutaram o discurso enquanto apelo que conclama e convoca a ser-com-o-outro, de maneira a salvaguardar a estranheza do enunciado e, aliás, irromper qualquer tipo de naturalização, sem limitar a qualquer modo prévio de vislumbrar o fenômeno, proporcionando assim o caráter liberador, por meio da manifestação do estado-de-ânimo propício à escuta, legitimação e movimentação do ser diante ao seu dizer (RODRIGUES, 2020).

Em relação à sua rede de apoio, externou sua filha de 13 anos, resultante de seu segundo relacionamento. Ao anunciar acerca de sua filha, declarou que mantém uma relação saudável, com união e companheirismo, recebendo suporte periódico da primeira. Para descrever as características daquela, utilizou-se das seguintes expressões: “muito inteligente”, “madura”, “diferente de mim em sua idade”. Memorou também que, anteriormente à procura pelo plantão, tomara uma alta dosagem de medicamento psiquiátrico com o intento de eliminar o sofrimento, permanecendo por um período considerável sobre a cama, com uma míngua de energia e ânimo à ocupação profissional e outras atividades do cotidiano e, nessa circunstância, sua pequena menina, a animara e a encorajara a sair daquela situação. Convém observar que, Shasta Daisy, ao revelar-se imersa no horizonte histórico, encontra-se mergulhada em uma sociedade que preconiza a patologização da existência, difundindo, incessantemente, um ideal de saúde que enaltece a constante felicidade e, ao mesmo tempo,

elimina qualquer resquício de sofrimento, com a utilização de psicofármacos (ROCHA *et al.*, 2019).

No que concerne aos seus parentes, por seu turno, mencionou apresentarem uma ascendência e permanência num município vizinho, abdicando-se de compartilhar laços afetivos com eles. Nesta temática, aludiu ao relacionamento entre o pai e a mãe, conjuntura fundamental para sua constituição como ser humano, em sua perspectiva. Descreveu assim a separação entre o pai e a mãe, em sua infância, experienciando um distanciamento do progenitor do sexo masculino, perpassando o tempo e perdurando à atualidade. Ao debruçar-se acerca de sua mãe, apontou uma vigorosa intimidade entre ambas, em sua fase infantil, o que se extinguiu ao casar-se novamente, a primeira, com um homem agressivo. Aprofundando-se nesta questão, descortina que sofrera inúmeras violências, tanto verbais quanto físicas, de seu padrasto. E, além do mais, percebera uma traição de sua mãe, ao escolher o padrasto em relação à própria filha, situação que ocasionou o rompimento da confiança, persistindo até a atualidade. Esclarece-se que, em consonância com Chaves e Henriques (2008), a possibilidade de Shasta Daisy narrar a própria história propiciou que se observasse em seu próprio discurso e se reestruturasse a partir de si mesmo e do outro (PE's), que a acolheu nas suas semelhanças, estranhezas e contrastes. Para isso, incumbiu-se aos PE's, no momento do encontro, escutar o conteúdo narrado pela analisada, depreendendo que, conforme Rosenthal (1999), embora a escuta possa sinalizar uma atitude passiva, não o é. Escutar implica acompanhar, isto é, permanecer atento, presente. Significa deter concentração, destituindo-se da dispersividade como quem escuta um eco – quando as palavras se desvelam ocas. Essa posição aumentou a proximidade da analisada tanto com seus sentimentos, quanto com a libertação deles.

A propósito de suas relações amorosas, revelou relacionar-se com homens com determinadas características em comuns: frios e agressivos. Mencionou que padecera, tanto do primeiro quanto do segundo parceiro, de demasiadas violências físicas e psicológicas, em um nível mais proeminente do segundo. No atual relacionamento, o terceiro, com 7 anos de duração aproximadamente, depara-se com a ausência de abusos físicos, contudo, procede um predomínio de violências psicológicas. Com vista ao panorama descrito, ressalta-se que o espaço de escuta se caracterizou por uma procura pela compreensão do sofrimento, no olhar da analisada; para os PE's, a possibilidade de contribuir para o desvelamento daquilo que se mostra, de modo a favorecer o encontro de sentido e direcionamentos.

Além da inexistência de contribuição econômica, permitindo-a que experiencie dificuldades, ao eximir-se de uma intervenção, Shasta Daisy denotou o esforço que o companheiro desprende para atravancar a difusão da relação entre eles. Alguns movimentos realizados pelo último, de acordo com sua percepção: negação em saírem e serem vistos juntos; impedimento de possíveis comentários nas redes sociais; esquivar-se de saírem nas mesmas fotos, entre outros. No contexto das redes sociais, a analisada ainda manifestou que, observara uma interação entre seu companheiro e outras mulheres, principalmente aquelas que publicam fotos sensuais. Em vista das considerações tecidas, memora-se a preeminente elaboração de Sartre (1970, p. 23): “Então, é isto o inferno. Eu não teria acreditado... Vocês se lembram: o enxofre, o carnicheiro, o fogo... Ah, que piada. Para quê o fogo? O inferno são os Outros”. Essa enunciação refere-se ao fato de que, muito do que o ser-aí padece, é resultância do seu encontro com a alteridade (LIMA, 2011), isto é, com o outro, em uma afluência entre liberdades. Nesta conjunção, incumbe-se aos PE’s impulsionar a analisada a responsabilizar-se por suas ações e, posteriormente, pelas consequências destas, e não apenas buscar culpados pelos seus sofrimentos, em uma tentativa fracassada de justificar suas atitudes ou a ausência dela. Não obstante, ao se configurar como o primeiro encontro, sob risco de irromper a relação terapêutica, os PE’s, em uma atitude de paciência e serenidade, decidiram por ausentar-se de intervir e, concomitantemente, proporcionando um espaço dominado pelo poder do silêncio, fomentar a angústia defronte ao próprio existir.

Outro ponto assinalado diz respeito à sexualidade, variável relevante de medição de um bom relacionamento, em sua compreensão. Ao apresentar a respectiva temática, apontou a insensibilidade de seu parceiro durante o ato sexual. Reclamou de uma ausência de carinho e amor, precedentemente à prática, acusando-o de frieza. Aludiu outras circunstâncias envoltas em violências, como aquela que se evidenciou ser puxada pelos cabelos e, ademais, que recebera uma mordida ao ponto de produzir hematomas. Retratou que, ao suceder uma tentativa de diálogo a fim de denunciar suas insatisfações, contemplara atitudes de gozação por aquele. Em suas palavras, sente-se acolhida como uma “puta”. Outrossim, revelou a indiferença de seu parceiro ao observá-la nua, sendo tratada similarmente a um objeto; remetendo a preocupação (*Fürsorge*), existencial atinente ao ser-com, conforme examinado por Heidegger (2005a), caracterizado como o modo dos seres-aí de se relacionar. Esse preocupar-se conduz o sentido de solicitude, ou seja, de um estar à disposição para cuidar do outro. Não obstante, ressalta-se que, a preocupação, nem sempre se desdobra de um modo “correto”, apresentando-se de maneira deficiente. Neste sentido, Heidegger (2005a, p. 173)

referencia o “ser por um outro, contra um outro, sem os outros, o passar ao lado um do outro, o não se sentir tocado pelos outros”, como modos deficientes de ser-com, denotando uma inautenticidade.

Narrou também o quanto o auxiliou, sobretudo, em seu momento de depressão. Novamente, realiza uma relação entre pretérito e presente, levantando uma justificativa para os comportamentos de seu parceiro. De acordo com a analisada, o último demonstrara muito vinculado ao progenitor do sexo masculino e, ao perdê-lo, fechou-se ao mundo, inclinando-se para “dentro” e, por conseqüente, resultando em um homem frio e insensível. Embora revele atitudes de insensibilidade, de acordo com Shasta Daisy, manifesta-se extremamente afeiçoado à mãe, ao ponto de deitar em seu colo. Outra vez, utiliza-se das ditas “psicologias populares” para fundamentar seu pensamento, a saber, a Psicanálise. Em relação a isso, Canello (1991) exprime que, concepções desse caráter possuem validade apenas em contextos teóricos mais amplos. E precisam ser compreendidas como um mapa, uma referência para transcorrer o território do comportamento humano. Ao serem metamorfoseadas em coisas, em entidades concretas – como o inconsciente localizado no interior da cabeça – exercem status de verdades absolutas. É o ponto que o mapa fracassa em sua função, confunde-se com o território e, em vez de orientar, encapsula. Neste enredar-se, o ser-aí permanece paralisado por uma noção estreitada de mundo. A ideologia o consome, não oferecendo um horizonte para a solução de seus problemas e, conseqüentemente, roubando-o a capacidade de gerar novos mundos.

Acentuou que, além do mais, perpassara por uma tenebrosa depressão, levando-a a diversas tentativas de suicídios. Em virtude desse quadro depressivo, deslocara para um psiquiatra e, portanto, encontra-se amparada por três medicamentos psiquiátricos, presentemente. Sendo indagada acerca de possíveis vivências em psicoterapia, aflorou uma resposta positiva, comunicando que, no longínquo, submetera à prática, renunciando-a posteriormente, devido à postura da psicoterapeuta. Diante disso, apercebe-se a pertinência da relação do analista com o analisado para a permanência do último no tratamento, assim como para o sucesso deste (COSTA; ALVES; EIZIRIK, 2018).

Desenvolveu também que, mesmo com a consciência da toxicidade permeada em sua relação, encontra-se atravancada de sua liberdade, em virtude de sua dependência emocional. Nesta corrente, resguarda a expectativa de uma mudança proveniente do companheiro, ainda que, o último, declarara uma indisposição para tal transformação. Assim, se, por um lado, expecta pela metamorfose de seu parceiro, por outro lado, possui a consciência do ciclo que

está submetida, recorrendo a um caráter de comutação dissemelhante – a remodelagem de sua existência.

É possível depreender que, um encontro psicológico, caracteriza-se como um momento de cuidado concernente à dor e a existência do ser-aí que se posiciona ante ao plantonista, cuidado esse que se refere em devolver o ônus do cuidado. No decorrer da sessão, constata-se uma insatisfação pela existência experimentada, bem como um desejo de transmutá-la. Mudar a trajetória da existência não é uma simples atribuição, como compreender que tomou o ônibus errado, descer no primeiro no ponto e tomar outro (SAPIENZA, 2004). No entanto, o psicólogo deve contribuir para que o ser-aí, ao menos, realize a tentativa de implantar mudanças em sua vida, ressaltando que estas são similares ao processo de andar de bicicleta – que no princípio pode ser difícil efetuar as primeiras pedaladas, que talvez se processe em alguns tombos e se machuque, mas que se insistir em tentar e prosseguir, um dia se aprende a andar de bicicleta pelos parques da cidade (DOESCHER; HENRIQUES, 2012).

Ao término da primeira sessão, evidencia-se a realização de um questionamento por parte dos PE's: “O que você levará daqui, hoje?”. Em resposta à respectiva interrogação, sobreleva: “Tenho que realizar uma escolha”. Um passo em direção ao desenvolvimento – a metamorfose. Se no início da sessão, a analisada, encontrava-se em lágrimas, no fim, revelava uma melhora, uma transformação; cessando as lágrimas. Neste contexto, Sapienza (2004, p. 109) alude que, o encontro psicológico, ao ser permeado e atravessado por tonalidades afetivas, configura-se como um espaço que recebe o sentir e propicia sua expressão, sendo um “espaço afetivo que pode servir de um novo chão, de um novo ponto de partida”.

No encetar da segunda sessão, apreende-se leves melhoras em comparação à semana anterior, expressando uma postura defronte ao sofrimento que experienciara. Nesta temática, imediatamente, verificou-se o prelúdio de uma narração, pela analisada, dos acontecimentos que se transcorreram desde a sessão anterior – declarando incumbir-se de uma decisão. Salienta-se que, com o propósito de iluminar as possibilidades e, inclusive, destecer a trama constituída pela impessoalidade, os PE's se desdobraram na elaboração de um espaço de escuta e tematização das palavras, profícuo e potente, na medida em que se pautaram no pensamento meditante que procura despertar o ser para si mesmo, levando ao pensar acerca do sentido da existência.

Inicialmente, aludiu o sucesso em rastrear e localizar uma nova moradia, combinando, com o proprietário, de arrematar a chave. Exprimiu suas motivações que a levaram a alcançar

uma decisão. Nesta óptica, colocou que, repentinamente, emergiu-se em sua mente, durante o período de ocupação profissional, lembranças relacionadas ao seu companheiro endereçando mensagens à outra mulher. Segundo ela, ao solicitar explicações ao seu parceiro, no pretérito, recebera inúmeras “desculpas” e, por consequência, renunciou a um aprofundamento sistemático. Porém, impelida por uma angústia, decidira regressar, correspondendo-se com aquela e, portanto, a descortinar segredos absconditos: seu parceiro sustentara, por um longo período, uma comunicação de caráter amoroso com a terceira.

Diante disso, mencionou recebera “prints” de mensagens comprometedoras relacionadas ao parceiro, com variados conteúdos, como: cantadas, convites para sair, mentiras, etc. Um ponto que ponderou, veementemente, refere-se à ocultação, por parte do companheiro, acerca do compromisso estabelecido com ela. Nessa conjunção, recordou recorrer, anteriormente, ao ginecologista e, assim, deparar-se com a seguinte indagação: “Você ou o seu companheiro mantém relações sexuais com outras pessoas?”. Relatou sentir-se perplexa e curiosa com o respectivo questionamento auferido, contudo, associar-se, hodiernamente, com uma possível traição do parceiro.

Ademais, anunciou observar a ausência do medo de permanecer sozinha, cedendo uma lacuna a um desdenho por homens e, também, a um anseio de pendurar-se desacompanhada. Não obstante, ao parecer dos PE’s, aclamou: o medo persevera, ainda assim, necessito prosseguir; extinguir esse ininterrupto ciclo, eximir-me desse sofrimento. Perante a angústia exteriorizada pela analisada, um dos PE’s intercorre pela utilização de uma intervenção, a saber: “Ao meu perceber, de acordo com suas colocações, você sempre esteve sozinha”. Em resposta a esse levantamento, aquela proclamou: “Sim, exatamente”. Bezerra, Moura e Dutra (2021) dizem que, ao procurar validar as adversidades, aflora-se alternativas e, assim, em busca dos possíveis, pode-se conclamar não para o destino que se diz escrito nas estrelas e, ao mesmo tempo, sim para o destino que é resultância de cada escolha, em outras palavras, do assenhoreamento da própria existência enquanto modo-de-ser e estar-no-mundo.

Por conseguinte, a analisada exprimiu que se orientara, após suas descobertas, à procura de seu companheiro, que se encontrara na residência de sua mãe, a fim de confrontá-lo. Em sua presença, denunciara suas descobertas, impelindo-o a um incômodo e negação dos fatos. Memorou que, neste quadro, provocara o companheiro com a respectiva enunciação: “Você é igualzinho ao seu pai. Faz comigo a mesma coisa que seu pai fez com sua mãe”. E, conseqüentemente, surpreendera com um prato arremessado em sua direção, pelo parceiro, fragmentando-se na parede localizada na posição posterior. Em vista dessa descrição,

comentou acerca da individualidade pertencente ao pai de seu companheiro, revelando o “mau-caráter” e as múltiplas traições procedidas por aquele.

Seguidamente, decorreu que se desenvencilhara da presença de seu parceiro por um período relativamente curto de tempo, apreendendo sua existência apenas dias após o ocorrido. Expôs que, compreendendo seu aparecimento, fora tomada por uma intensa emoção e, de modo consequente, correria para o quarto e se trancara. Assim, o companheiro realizara uma tentativa de comunicação e, com uma inexistência de respostas, resignara e se retirara. No que diz respeito ao retratado, os PEs indagam: “Por que você correu e se trancou em seu quarto? O que você sentiu? O que você pensou naquele momento?”. E, em resposta, emite: “Fiquei com medo de machucá-lo. Brigar com ele, pelas mistas emoções que sentia”. No término dessa segunda sessão, desdobrou que, o companheiro, tentara comunicar-se pelas redes sociais e, neste processo, decidira-se por bloqueá-lo. Sapienza (2004), ao explicitar as temáticas que perpassam o encontro psicológico, diz que o analisado não se desoculta com questões intelectuais para solucionar, mas com aquelas pertencentes à sua existência e aos seus sentimentos, tais como: abandono, tristeza, angústia, ansiedade, temor, frustração, tédio, desânimo, culpa, insatisfação.

Por sua vez, no horário acordado para o terceiro atendimento, constatou-se a ausência de sua presença, confirmando, posteriormente, sua desistência. Neste sentido, Tassinari (1999) alude que, a abdicação pelo processo psicoterápico pode ser desvendada por relatos de pesquisadores, a partir de entrevistas com pacientes que interromperam o serviço psicológico. À vista disso, aclarou-se que, a maioria deles não renunciaram efetivamente ao encontro psicológico, contudo, não retornaram porque se sentiam satisfeitos com os resultados da(s) primeira(s) consulta(s). Segundo Small (1974, p. 14), nos momentos de crise, “uma ajuda rápida e eficaz pode resultar numa diminuição do sofrimento, no encurtamento do período de perturbação e numa maior realização para a vida do indivíduo”.

Por fim, como acrescentado por Furigo *et al.* (2008), é possível compreender que, em relação aos analisados que não retornam ao plantão, obtiveram uma melhora ou, mesmo, alcançaram uma resolução para sua problemática, em virtude do atendimento no momento de sofrimento. Tassinari e Durange (2011) desenvolvem que, nesta conjunção, as desistências podem se justificar pelo fato dos analisados não se encontrarem interessados em uma transformação profunda em sua relação com o mundo, carecendo somente de uma escuta atenta em algum momento de suas existências. Souza e Souza (2011) dizem que, por seu turno, uma quantidade pequena de encontros com o plantonista, ou uma única sessão, detém

função terapêutica, sendo suficiente para o analisado atendido iniciar um processo de organização interna e prosseguir sem auxílio psicológico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos atendimentos executados, o plantão revelou-se fundamental para uma reflexão acerca do âmbito tradicional do ser-psicólogo, uma vez que possui características ímpares em relação a outras modalidades, como o encontro em ausência de um horário pré-programado, o contato constante com o inesperado, entre outras, que implica em múltiplas repercussões para a formação do ser-psicólogo. Neste quadro, o poder dardivar cuidado aquela que se colocava defronte, na escuta clínica, sobressaiu como uma experiência de transferência e aprendizados que ultrapassou qualquer estreiteza da clínica tradicional, que não se restringiu a conceitos teóricos ou concepções clássicas, mas sim, voltou-se às vivências existenciais em questão. Destarte, o plantão psicológico possibilitou a compreensão dos PE's quanto ao enquadre de sua atribuição, viabilizando-os essa experiência, de modo a desenvolver sua identidade profissional, relevante na assunção de seu papel como profissional da saúde.

Insta salientar também a contribuição do filósofo da Floresta Negra, Martin Heidegger, com a fenomenologia hermenêutica, que possibilitou um espaço de tematização das palavras, de modo a propiciar a impressão de novos sentidos e significados ao sofrimento pela analisada, compreendendo a última em um entrelaçamento com seu horizonte histórico. Ao proporcionar uma nova concepção de homem, como um ser em abertura, concebeu a possibilidade de ponderar novos caminhos para a lida com o sofrimento humano, desvinculando-se de uma interioridade encapsulada que determina o ser humano.

Por seu turno, é imperativo que, observou-se por meio das sessões realizadas, as expectativas da analisada quanto a uma resolução das problemáticas levantadas de forma imediata, revelando um desconhecimento sobre o trabalho concernente ao ser-psicólogo. A analisada mostrou-se de modo a esperar um socorro, um auxílio, um alívio imediato para reduzir o sofrimento a que estava submetida. Em vista disso, aparentava expectar encontrar um sobre-humano para prestar assistência, atribuindo uma imagem onipotente aos PE's ou, mesmo, deparar com uma solução para os problemas por meio de uma ação diretiva dos últimos.

Interessante registrar que, por fim, a disponibilidade para estar com aquela configurou como a peculiaridade que mais importou nas escutas dos PE's. Escuta que se descortinou suficientemente mobilizadora, uma vez que o encontro no plantão contribuiu tanto à experiência dos PE's quanto da analisada, visto que a última se abriu para as emoções e tensões que lá se desvelaram. Deixaram-se ser tocados pela alteridade, pela vivência particular de cada história, pelo modo característico de estar e ser no mundo, caminho possível e necessário para mudanças. Assim, não são mais os mesmos. São um pouco mais, acrescidos do que a analisada lhes deixou. Escutar, declinando-se à existência que se revelou, qualificou-se como um deixar aprender sobre o outro, sobre o mundo e, portanto, sobre eles próprios. A analisada mostrou-se com sua visão tempestuosa, mas não se apresentou para aprender algo que os PE's tinham a fornecer, ao contrário, ensinou sem saber e, conjuntamente, aprenderam e enxergaram melhor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. M. Plantão Psicológico: de um resgate histórico a uma abordagem biográfica. *In: BRESCHIGLIARI, J. O.; ROCHA, M. C. (org.). Serviço de Aconselhamento Psicológico: 40 anos de história.* São Paulo: SAP/IPUSP, 2009. p. 29-37.

AUN, H. A. **Trágico avesso do mundo:** narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BARBOSA, L. N. F.; FRANCISCO, A. L.; EFKEN, K. H. Adoecimento: o ser-para-a-morte e o sentido da vida. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 2, n. 1, p. 54-60, 2007. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/7artigo.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

BARTZ, S. S. Plantão psicológico: atendimento criativo à demanda de emergência. **Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 21-37, 1997.

BEZERRA, C.; MOURA, K. P.; DUTRA, E. Plantão psicológico on-line a estudantes universitários durante a pandemia da covid-19. **Revista Nufen: Phenomenology and interdisciplinarity**, Belém, v. 13, n. 2, p. 58-69, 2021. DOI: 10.26823/nufen.v13i2.22515. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/22515>. Acesso em: 09 jun. 2024.

BISELLI, A. C. T. **Grupo de pais no psicodiagnóstico colaborativo:** uma compreensão fenomenológica existencial. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica do Pernambuco, Recife, 2013.



BOSS, M. Solidão e comunidade. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 25-45, 1976.

BRAGA, T. B. M. **Atenção psicológica e cenários sociais**: ação clínica, instituições e políticas públicas na promoção da cidadania. Curitiba: Juruá, 2014.

BRAGA, T. B. M. *et al.* Solitude como modo de cuidar: atenção psicológica como cartografia clínica e plantão psicológico em hospital geral. *In*: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (org.). **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 279-312.

BRAGA, T. B. M. *et al.* Experiências de estagiários em plantão psicológico em hospitais: formação e ação clínica. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 99-112, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7155474>. Acesso em: 09 jun. 2024.

CANCELLO, L. A. G. **O fio das palavras**: um estudo de psicoterapia existencial. 6. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

CHAMMAS, D. **Triagem estendida**: um modo de recepção de clientes em uma clínica-escola de Psicologia. 2009. Dissertação (Mestrado em Clínica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CHAVES, P. B.; HENRIQUES, W. M. Plantão Psicológico: De frente com o inesperado. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 26, n. 53, p. 151-157, 2008. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19831/19133>. Acesso em: 09 jun. 2024.

COSTA, C. P.; ALVES, C. P.; EIZIRIK, C. L. Fatores associados à percepção de aliança terapêutica por pacientes em psicoterapia psicanalítica. **Rev. bras. psicoter.**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 19-35, 2018. DOI: 10.5935/2318-0404.20180005. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v20n1a03.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2016.

CURY, V. Plantão psicológico em clínica-escola. *In*: MAHFOUD, M. (org.). **Plantão psicológico**: Novos horizontes. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1999. p. 115-133.

DYCK, R. J.; AZIM, H. F. Patient satisfaction in a psychiatric walk-in clinic. **Canadian Journal of Psychiatry**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 30-33, 1983. Acesso restrito via base de dados SAGE Journals.

DOESCHER, A. M. L.; HENRIQUES, W. M. Plantão psicológico: um encontro com o outro na urgência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 4, p. 717-723, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/jNLH8JRLF5SZ5kx6KSGmDwK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jun. 2024.



DUTRA, E. Plantão psicológico numa clínica-escola: a escuta do sofrimento existencial de universitários. In: FEIJOO, A. M. L. C. de; LESSA, M. B. M. F. (org.). **Fenomenologia e práticas clínicas II**. 2. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2017. p. 109-129.

EISENLOHR, M. G. V. **Formação de alunos em psicologia**: uma possibilidade para educadores. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

FURIGO, R. C. P. L. *et al.* Plantão psicológico: buscando romper com os parâmetros clássicos da prática psicoterápica. In: RAMOS, C.; SILVA, G. G.; SOUZA, S. (org.). **Práticas psicológicas em instituições**: uma reflexão sobre os serviços-escola. São Paulo: Editora Vetor, 2006. p. 80-98.

FURIGO, R. C. P. L. *et al.* Plantão psicológico: uma prática que se consolida. **Boletim de Psicologia**, [S. l.], v. 58, n. 129, p. 185-192, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a06.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**: parte I. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005a.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**: parte II. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005b.

LIMA, A. C. B. R. O olhar da alteridade: “o inferno são os outros”. **Itinerários**, Araraquara, n. 33, p. 243-252, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/4871/4098>. Acesso em: 09 jun. 2024.

LIMA, D. F.; RIBEIRO, M. S. S. Plantão psicológico e acontecimento do cuidado: problematizando um “não-lugar”. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 291-301, 2018. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2845/1568>. Acesso em: 09 jun. 2024.

MACEDOCOUTO, G. S.; JUNIOR, A. F. da S. Solidão: do patológico ao ontológico. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 07-24, 2017. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2017.34762>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/34762/25528>. Acesso em: 09 jun. 2024.

MAHFOUD, M. A vivência de um desafio: plantão psicológico. In: ROSENBERG, R. L. (org.). **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa**. São Paulo: EPU, 1987. p. 75-83.

MORATO, H. T. P. Aconselhamento psicológico: uma passagem para a transdisciplinariedade. In: MORATO, H. T. P. (org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**: novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 61-90.

MOZENA, H. **Plantão psicológico**: estudo fenomenológico em um serviço de assistência judiciária. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia como Profissão e Ciência). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009.

NEVES, M. C. C.; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, [S. l.], v. 56, n. 4, p. 237-244, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000400001>. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/bpsiq/a/Bn3f9fZrc5KJC6SyDYpt7Wn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jun. 2024.

PALMIERI, T. H.; CURY, V. E. Plantão psicológico em hospital geral: um estudo fenomenológico. **Psicologia: reflexão e crítica**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 472-479, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/7ZpfjKNjbrppy8F3BF6BDJc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jun. 2024.

PAPARELLI, R. B.; NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F. Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. **Psicologia: ciência e profissão**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 64-79, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000100006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/KJXv6N8sd5SJDwntPYsr9xC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jun. 2024.

RABELO, I. S.; SANTOS, L. M. S. P. O desafio do Plantão Psicológico para o plantonista. In: RAMOS, C.; SILVA, G. G.; SOUZA, S. (org.). **Práticas psicológicas em instituições: uma reflexão sobre os serviços-escola**. São Paulo: Editora Vetor, 2006. p. 379-387.

RAY, M. The richness of phenomenology: philosophic, theoretic, and methodologic concerns. In: MORSE, J. (ed.). **Critical issues in qualitative research methods**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 19-28, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735613004.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

RIBEIRO, J. P. **Psicoterapia: teorias e técnicas psicoterápicas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2013.

ROCHA, M. C. Plantão psicológico: desafios e potencialidades. In: BRESCHIGLIARI, J. O.; ROCHA, M. C. (org.). **Serviço de aconselhamento psicológico: 40 anos de história**. São Paulo: SAP/IPUSP, 2009. p. 103-120.

ROCHA, M. C. Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. **Revista do NUFEN**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 119-134, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v3n1/a07.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

RODRIGUES, J. T. **Angústia e serenidade: a psicopatologia contemporânea em diálogo com Heidegger**. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2020.

ROSENBERG, R. L. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo: EPU, 1987.

ROSENTHAL, R. W. Plantão de Psicólogos no Instituto Sedes Sapientiae: Uma proposta de atendimento aberto à comunidade. In: MAHFOUD, M. (org.). **Plantão psicológico: Novos horizontes**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1999. p. 15-28.

SÁ, R. N. de; MATTAR, C. M.; RODRIGUES, J. T. Solidão e relações afetivas na era da técnica. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 111-124, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-80232006000200009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/dS87wJbfXRtSQHcQBF5qnPG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jun. 2024.

SAFRA, G. **A pó-ética na clínica contemporânea**. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

SAPIENZA, B. T. **Conversa sobre terapia**. São Paulo: EDUC; Paulus, 2004.

SAPIENZA, B. T. **Do desabrigo à confiança: daseinsanalyse e terapia**. São Paulo: Escuta, 2007.

SARTRE, J.-P. **Entre quatro paredes [Huis Clos]**. Paris: Gallimard, 1970.

SCHMIDT, M. L. S. Aconselhamento psicológico e instituição: algumas considerações sobre o serviço de aconselhamento psicológico do IPUSP. In: MORATO, H. T. P. (org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999. p. 91-106.

SCHMIDT, M. L. S. O nome, a taxonomia e o campo do aconselhamento psicológico. In: MORATO, H. T. P.; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. (org.). **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. p. 1-21.

SMALL, L. **As psicoterapias breves**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

SOUZA, B. N. de; SOUZA, A. M. de. Plantão psicológico no Brasil (1997-2009): saberes e práticas compartilhados. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 241-249, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200011>. Disponível: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/H8r4Wp9nySM3k7N4H9Gs6Qj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jun. 2024.

TASSINARI, M. A. **Plantão psicológico centrado na pessoa como promoção de saúde no contexto escolar**. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

TASSINARI, M. A.; DURANGE, W. Plantão psicológico e sua inserção na contemporaneidade. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 41-64, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v3n1/a04.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

YEHIA, G. Y. Interloquções entre plantão psicológico e o psicodiagnóstico colaborativo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 65-72, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000100006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/tDJhFQ99qvnGDF9Gv4m9LvJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jun. 2024.

Recebido em: 16 de junho de 2024

Aprovado em: 5 de julho de 2024

